

+  
Alice cresceu  
e virou  
capitã de  
um navio na  
Inglaterra na  
continuação  
de Alice no  
País das  
Maravilhas.  
B2



## EM BUSCA DO SEU ODISSEU

LARISSA BASTOS  
REPÓRTER

O objetivo de Francisco Oiticica Filho não é nada fácil: recriar, a partir de fotos de Alagoas, as aventuras de Odisseia, obra de Homero e um dos livros mais importantes da literatura ocidental. É difícil, mas é isso que o artista faz em *Meu Odisseu: Veredas Interiores*, exposição em cartaz até o dia 10 de junho na Pinacoteca Universitária, no Espaço Cultural da Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

E a viagem começa a partir da Sereia do Pratygy, escultura localizada na praia ao Litoral Norte da capital alagoana. Foi a partir dela, mais precisamente de uma foto montagem que tem a sereia como personagem único e principal, que Oiticica montou sua própria epopeia, propondo ainda discussões mais aprofundadas quanto à perseverança, à crença nas possibilidades e a alagoanidade em si.

“Essa escultura já fez um pouco do que eu fiz agora, que é transpor para cá o episódio mais conhecido, aquele em que Odisseu enfrenta as sereias e consegue não naufragar tapando os ouvidos dos seus marinheiros com cera e se amarrando ao mastro. Como essa é uma escultura que eu gosto muito e da qual eu já tinha fotos, verifiquei que poderíamos fazer várias analogias entre a paisagem da Odisseia e a de Alagoas”.

E essas analogias acontecem tanto a partir da perspectiva da paisagem

natural quanto da humana. “Faço isso tanto partindo da influência do regime das águas no mar Egeu, no Mediterrâneo, e nas costas alagoanas, até chegar em uma das possíveis origens da figura mitológica da sereia, que é o peixe-boi. Ele é tido como uma das origens, pois teria confundido pescadores, já que é um mamífero que também vocaliza”, explica.

A narrativa visual é dividida em fotografias e textos – eles trazem trechos da Odisseia e também comentários sobre a obra e tem como finalidade orientar a visitação. Segundo Francisco Oiticica, a mostra é uma espécie de tratamento estético dessa problemática da travessia e dos desafios, da transposição dos obstáculos. Tudo isso, claro, a partir da visão do próprio artista.

“Não é um tratamento ilustrativo ou um comentário ao pé da letra sobre o livro, até porque a transposição para Alagoas é feita a partir da minha visão pessoal, da minha subjetividade. Mas a exposição dá a possibilidade de que cada um encaixe sua visão a partir dessa abertura para a subjetividade, desse tratamento poético para a paisagem alagoana”, afirma.

A ideia, diz ele, é propor uma identificação com a figura de Ulisses – nome romano para o grego Odisseu – a partir do exemplo dado por ele de perseverança, de crença nas possibilidades de atingir suas metas. A epopeia de Homero trata da volta do personagem principal para casa, o reino de Ítaca, depois de 20 anos longe. Tra-

ta das aventuras e desventuras do herói.

“Ele é uma figura exemplar que merece ser seguida”, complementa Oiticica, lembrando que outros propósitos da mostra é chamar a atenção para a Sereia do Pratygy como um monumento da alagoanidade. “Ela é uma marca de Alagoas, comparado ao Cristo Redentor no Rio de Janeiro e à Estátua da Liberdade em Nova Iorque. E, em relação à importância, consigo fazer essa comparação”.

Trazendo fotos tiradas em Maceió e no restante de Alagoas nas décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010, *Meu Odisseu: Veredas Interiores* é dividida em duas partes: a primeira trata da aventura de Ulisses e descreve, por meio dos caminhos de Alagoas, os fatos pelos quais ele passou, enquanto a segunda está mais voltada para as histórias de amor, o encontro do personagem com Penélope.

Oiticica conta que não fez nenhuma nova fotografia para a exposição. “Fiz um mergulho e uma pesquisa nos meus trabalhos. Foi uma escavação na minha produção antiga a partir do gosto que sempre tive pelo gênero épico. Sempre gostei e alguns trabalhos estavam adormecidos e guardados, esperando um contexto no qual pudessem se inserir”, destaca.

Ela fala com carinho sobre suas obras. “São flores colhidas do meu jardim fotográfico e que foram se juntando num grande ramalhete épico”, afirma, acrescentando que traz ainda esculturas de

duas sereias, “mostrando a sobrevivência e a fortuna dessa mitologia, dessa divindade que é a sereia, como ela está presente ainda hoje no nosso inconsciente artístico. Isso foi algo que me intrigou muito”.

Para o artista, o trabalho mostra ainda o quanto ele, apesar de não ser alagoano, se encontra envolvido com a “mitologia nordestina, alagoana e anfíbia”.

“Existe aí também uma base meio que de interpretação da psique, uma tentativa de interpretar o motivo da sobrevivência dessas figuras arquetípicas e simbólicas no nosso imaginário alagoano. O alagoano é conhecido como ser anfíbio, mas esse lado nem explorei muito; explorei mais a questão da hibridéz”, diz.

Oiticica aconselha ainda que as pessoas leiam a Odisseia, seja antes ou depois da visita à Pinacoteca, e também que prestem atenção nos textos fixados nas paredes do local, capazes de proporcionar uma verdadeira viagem pelas “veredas interiores”. “Ao longo da visita, você vai voltar a si mesmo, porque como o próprio título da mostra já fala, a ideia é de que você identifique o Odisseu dentro de você, que tenha um Odisseu para chamar de sua numa experiência de reencontro com a paisagem alagoana”. ◉

